
POR QUE? FICAMOS INTRIGADOS QUANDO COISAS RUINS ACONTECEM A PESSOAS BOAS¹

WELLINGTON GIL RODRIGUES²

“Sabemos que tudo quanto nos acontece está operando para o nosso próprio bem, se amarmos a Deus e estivermos ajustados aos Seus planos”

(Rm 8:28, Nova Bíblia Viva)

É muito fácil entender e aceitar a mensagem desse verso quando tudo está indo bem em nossa vida: aprovação no vestibular, compra do primeiro carro, nascimento de filho saudável, casamento com alguém a quem se ama, etc. No entanto, quando um trem sai dos trilhos e inocentes são feridos e mortos, quando um câncer atinge uma criança de apenas 5 anos, quando um barco afunda levando consigo pessoas que estavam procurando ajudar o próximo, somos confrontados com a inquietante pergunta: “Por que Deus permite que coisas ruins aconteçam a pessoas boas?”

Existem algumas tentativas de respostas. Vejamos algumas delas: “Coisas ruins acontecem tanto a pessoas boas quanto a pessoas más.” “Não existe uma moralidade nos fatos; só existem causa e efeito, leis naturais.” “Deus não tem nada a ver com isso porque a verdade crua e simples é a de que Ele não existe.” É claro que esse tipo de resposta (vou chamá-la de atesta) não pode satisfazer a maioria de nós, que acreditamos que Deus existe. Ainda assim, mesmo descartando essa resposta, a pergunta continua soando insistente: “Por quê?”

Outro tipo de resposta seria: “Coisas ruins acontecem, isso é um fato. Deus é o Criador, isso é um fato. E a verdade é que Ele não Se importa porque está muito distante daqui agora.” Esse tipo de resposta (vou chamá-la de deísta) chega bem perto de nos revoltar; afinal, que tipo de Deus é esse, que cria e abandona? Seria uma espécie de Pai cósmico ausente, que não Se importa com o sofrimento de Seus filhos? Não podemos aceitar isso! No entanto, para nós que acreditamos em um Deus onipotente e amoroso, o questionamento de Epicuro continua ecoando: “Se Deus pode acabar com o mal, mas não quer, é monstruoso; se quer, mas não pode, é incapaz; se não pode, nem quer, é impotente e cruel; se pode e quer, porque não o faz?”

1 Este artigo é uma homenagem à família de Elton Santos de Oliveira, diretor administrativo do Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, falecido no dia 31 de maio de 2013, vítima de acidente automobilístico. Fonte: www.adventista.edu.br

2 Professor da Rede Adventista, falecido em 16 de agosto de 2015. Ao longo da sua trajetória acadêmica construiu um importante legado na área de Ciência e Religião, defesa do Criacionismo e integração da fé e ensino.

Quando a tragédia atinge o outro, o vizinho, o meu irmão, tentamos racionalizar, explicar, consolar: “Todas as coisas cooperam para o bem [...]”. Mas, quando a tragédia aponta seu dedo cruel para nós, dizendo “agora é a sua vez”, geralmente nossa reação é perguntar: “Por quê? Por que comigo? Por que agora?” Felizmente, nosso estoque de respostas ainda não acabou. E para nós que acreditamos que existe um quadro explicativo maior, chamado de “o grande conflito”, resta um tipo de resposta (que nem sempre é reconfortante): “Coisas ruins acontecem, mas Deus tem um propósito, ainda que eu não entenda.” E por que, às vezes, essa resposta não é reconfortante? A pergunta “por que” revela uma necessidade peculiarmente humana de encontrar o sentido, o propósito (e essa é a palavra-chave na resposta a esse mistério), ou seja, a explicação para o que está acontecendo especificamente comigo ou com aqueles que eu amo. É claro, sabemos que um dia o conflito irá acabar “e Deus enxugará dos olhos toda lágrima”, mas a dor presente às vezes parece tão grande, tão pesada! E, para piorar a situação, a impertinente pergunta continua lá, cutucando nossa mente: “Por quê?”

Humildemente, proponho uma tentativa de resposta para os contínuos porquês que nos assolam. Minha resposta está estruturada na diferença entre uma foto e um filme. Pretendo esclarecer isso através de dois exemplos: No primeiro, observamos uma foto e, de maneira bem clara, vemos nela um edifício. No sexto andar, há uma menina pendurada na janela, presa a um homem que a segura somente pelas mãos. Do lado do homem, há uma mulher que parece desesperada, gritando algo. – Como você interpretaria essa foto? Uma possível e provável explicação seria: A menina estava caindo e foi segura pelo homem (provavelmente o pai); a mulher gritando seria a mãe, pedindo desesperadamente que o pai a salvasse.

No segundo exemplo, observamos uma foto e nela há um rapaz deitado em um sofá. Ele está de olhos fechados e, aparentemente, dormindo. Ao seu lado, em pé, encontra-se um homem idoso com uma faca próxima ao pescoço do jovem. – Como você interpretaria essa foto? Novamente, uma possível e provável explicação seria: O jovem está dormindo em seu apartamento e o velho está tentando roubá-lo ou assassiná-lo.

Como você já deve estar suspeitando, uma foto pode conduzir a conclusões bastante equivocadas. No primeiro caso, por exemplo, quando trocamos o modo de exibição para “filme”, o que se percebe é o seguinte: O prédio é o Edifício London, no distrito da Vila Guilherme, em São Paulo. A data da gravação registra 29 de março de 2008. A menina de 5 anos, que está pendurada pelos braços, é Isabella Nardoni. O homem que a “segura” é Alexandre Nardoni e a mulher que grita é Anna Carolina Jatobá, pai e madrasta de Isabella, condenados por homicídio doloso triplamente qualificado. Ou seja, no desenrolar do filme, segundo a conclusão da justiça, eles não estavam tentando salvar a menina.

No segundo filme, descobrimos que o velho com a faca na mão, apontada para o pescoço do rapaz, é apenas um pai amoroso tentando, contra todos os seus instintos paternos, obedecer à ordem de Deus para sacrificar seu único filho, o filho da sua velhice, o jovem que está de olhos fechados, mas acordado e bem consciente do que estava prestes a acontecer. Por ser mais forte e mais ágil, o filho

até poderia ter se livrado daquela situação, se quisesse. Ou seja, esse filme conta a história de Abraão e Isaque.

Diante disso, fica a lição de que, ao procurarmos a resposta para os porquês das tragédias que especificamente nos atingem, geralmente temos acesso somente às “fotos”. O flash instantâneo da situação muitas vezes nos cega, nos confunde e não nos permite ver que a história ainda não terminou. Estando imersos na dor, é muito difícil entendermos que “Deus não conduz jamais Seus filhos de maneira diferente da que eles escolheriam se pudessem ver o fim desde o princípio, e discernir a glória do propósito que estão realizando como Seus colaboradores.” Nessa situação, algumas vezes chegamos até mesmo a duvidar de que Deus seja realmente um Pai amoroso, que está ao nosso lado nas tribulações. Portanto, nesses momentos, é importante ouvir o que Deus está nos dizendo: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o Senhor; pensamentos de paz e não de mal” (Jr 29:11, ARA).

Pense na situação de Jó: Hoje, para nós, é muito fácil explicarmos tudo o que estava acontecendo na vida dele, pois, ao antever o fim do “filme”, sabemos entender o porquê de tudo aquilo que o atingiu. No entanto, para ele que perdeu sete filhos de uma só vez, além de fazendas e bens; para ele cujo corpo ficou inteiramente coberto de feridas abertas, cheias de pus dos pés à cabeça, e cuja esposa “aconselhou” que o mais lógico seria amaldiçoar a Deus e morrer; para ele cujos amigos, analisando a situação, concluíram que Deus o estivesse castigando por causa de algum pecado, o porquê era a pergunta fundamental: Deus, por que todo esse sofrimento? O que fez para merecer isso? Qual e o propósito de tudo isso? Será que Deus me abandonou? A resposta inspirada é: “Deus dirige Seus filhos por um caminho que eles não conhecem; mas não Se esquece dos que nEle põem a confiança, nem os rejeita. Permitiu que a aflição sobreviesse a Jó, mas não o abandonou. [...] Deus permite que as provações assaltem Seu povo, a fim de que, pela sua constância e obediência possam, eles mesmos, enriquecer espiritualmente, e possa seu exemplo ser uma fonte de força aos outros. [...] As mesmas provações que da maneira mais severa provam nossa fé, e fazem parecer que

Deus nos abandonou, devem levar-nos para mais perto de Cristo, para que possamos depor todos os nossos fardos a Seus pés, e experimentar a paz que Ele, em troca, nos dará.”

Quando entendemos o propósito de tudo o que aconteceu com Jó, percebemos que a questão não dizia respeito somente à felicidade particular dele. Essa era uma questão que envolvia um nível cósmico, ou seja, todo o Universo estava interessado em saber, por meio da experiência de Jó, se era possível ao homem pecador servir a Deus em qualquer circunstância, respondendo ao desafio posto por Satanás: “Cada um cuida de sua própria pele! Qualquer um não se importaria em perder tudo desde que conserve sua vida. Mas se o Senhor estender a Sua mão e tirar a saúde de Jó, ele acabará amaldiçoando o Senhor abertamente” (Jó 2:4, 5, NBV).

Ou seja, cada um de nós é um espetáculo ao Universo e, assim como Jó, precisamos demonstrar que é possível, sim, servir a Deus, que Deus é justo, que Ele é amor, e que minha circunstância de

tribulação pessoal, de aparente silêncio de Deus, de aparente abandono, não muda o fato de que esse Deus deu Seu próprio Filho para nos salvar. Ou seja, Ele amou o mundo até esse ponto!

Se você está sofrendo e está questionando o porquê da tragédia que aconteceu em sua vida, ouça o que Jesus diz para você hoje: “Não tenha medo. Eu estou com você. ‘Sou Aquele que vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre!’ (Ap 1:18, NVI). Suportei as suas dores, experimentei suas lutas, enfrentei suas tentações. Conheço suas lágrimas; também Eu chorei. Aqueles pesares demasiado profundos para serem

desafogados em algum ouvido humano, Eu os conheço. Não pense que está perdido e abandonado. Ainda que sua dor não encontre eco em nenhum coração na Terra, olhe para Mim e viva. ‘Embora os montes sejam sacudidos e as colinas sejam removidas; ainda assim a Minha fidelidade para com você não será abalada, nem será removida a Minha aliança de paz, diz o Senhor, que tem compaixão de você’ (Is 54:10, NVI).”

REFERÊNCIAS

Epicuro de Samos, filósofo grego do período helenístico.

Ellen G. White, A Ciência do Bom Viver, p. 479.

_____, Patriarcas e Profetas, p. 129.

_____, O Desejado de Todas as Nações, p. 483.